

## Sou Fujimoto

«Recuar no tempo até antes da Arquitectura se tornar Arquitectura»

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA  
MARGARIDA VENTOSA



Sou Fujimoto é um arquitecto interessado no silêncio do espaço arquitectónico. À partida, o silêncio é um tema fundamental da arquitectura japonesa, tradicional e moderna. No entanto, este arquitecto japonês investiga um outro silêncio, um que é prévio às determinações históricas e culturais. A sua produção projectual passa então por um remeter para uma condição originária da disciplina. Neste sentido, para Sou Fujimoto, a arquitectura do futuro é sempre um começar de novo.

Foto: Cortesia Sou Fujimoto Architects

*Os “espaços intersticiais” libertam e esclarecem os programas. Os programas compreendem, habitualmente, um conjunto de elementos diferenciados, mas é possível descobrir novos potenciais nos modos como esses programas articulados podem existir nos “espaços intersticiais”.*

**arq|a:** O seu trabalho tem uma relação próxima com o silêncio? Como é que este se expressa na sua arquitectura?

**Sou Fujimoto:** Sim, tendo em conta que o silêncio é tão rico quanto o som ou sons. O silêncio permite que as actividades, em arquitectura, sejam realizadas de forma partilhada e, ao mesmo tempo, separadas.

**arq|a:** O seu trabalho parece ter uma ligação com a obra de alguns arquitectos japoneses importantes, nomeadamente Tadao Ando e Sejima e Nishizawa. Sente que o seu trabalho pertence e continua uma tradição arquitectónica moderna e contemporânea japonesa?

**SF:** Sim e não. Claro que são grandes arquitectos, mas em vez de me sentir atraído pelo seu estilo ou “japonesismo”, estou interessado em novas formas, em ideias espaciais e na liberdade da arquitectura que oferecem. A arquitectura tradicional japonesa intriga-me porque retiro inspiração dos conceitos de condições liminais e das relações entre a natureza e o fabricado pelo homem.

**arq|a:** Através da ideia de “futuro primitivo”, relaciona as origens da arquitectura com a prática da inovação. É essa ideia uma tentativa de atingir a universalidade da arquitectura?

**SF:** Definitivamente, sim. Considerar a arquitectura inovadora do futuro é equivalente a reflectir surpreendentemente sobre arquitectura primitiva. Isto porque a arquitectura transpira onde quer que existam pessoas. Por isso, uma proposta para uma nova Arquitectura deve ser fundamentalmente uma nova concepção de um lugar para a humanidade. Recuar no tempo até antes da Arquitectura se tornar Arquitectura. Imaginem estar presente no momento em que a Arquitectura começou. No entanto, isto não passa por reconstituir a história da antiguidade de Roma ou da Grécia. É captar o momento da emergência da Arquitectura a partir das flutuações de um campo nebuloso, proteico, em conjunção com um traço vago e originário de domínio humano. Por isso, a origem não pode ter sido singular. Aqui estão as dez géneses da Arquitectura. Mais do que pertencer apenas à Arquitectura, remetem as condições do habitar



Centro Infantil de Reabilitação Psiquiátrica, Hokkaido, Japão, 2006



Foto: Cortesia Sou Fujimoto Architects



Apartamentos Tóquio, Japão, 2006 - 2009

humano para um arrebatador estado embrionário. Cada ponto de partida faz nascer miríades de Arquitecturas diferentes. Cada resultado é único, ainda que se relacionando com os outros. Estes inícios são intuições; um palpite de que existem infinitos pontos de partida, em vez de apenas um início correcto. Deste modo, especular sobre o futuro da Arquitectura é igualmente primordial. Imaginem diversos lugares que as pessoas podem habitar e depois as possibilidades do que a Arquitectura se pode tornar. O futuro Primitivo está cheio destas projecções promissoras.

**arqla:** A sua arquitectura desenvolve uma investigação intensa das possibilidades e potencialidades do programa. É esta investigação baseada em ou despoletada pelo que define como “espaços intersticiais”?

**SF:** Os “espaços intersticiais” libertam e esclarecem os programas. Os programas compreendem, habitualmente, um conjunto de elementos diferenciados, mas é possível descobrir novos potenciais nos modos como esses programas articulados podem existir nos “espaços intersticiais”. Podem ser descobertas novas relações. Os “programas”, como os conhecemos, são conexões artificiais e superficiais, e creio que os arquitectos podem reestruturar o modo como lidamos com um programa através da exploração dos “espaços intersticiais”.



Casa Espiral, Tóquio, Japão, 2007 -

**arqla:** Presentimos no seu trabalho uma forte conexão entre ideia e forma, entre conceito e matéria. Como definiria e caracterizaria o seu processo projectual?

**SF:** Estou interessado na evolução natural do projecto pela sua espontaneidade e não linearidade, tal como acontece na lógica da selecção natural. Fazemos muitas maquetas para dar, constantemente, corpo a ideias puras e formas complexas. Não estou só interessado em ideias mas na reciprocidade consistente entre muitas maquetas e palavras que delas advêm e vice-versa, entre espaços e linguagem. É uma troca recíproca constante.

**arqla:** No seu entender, quais os principais desafios da arquitectura contemporânea?

**SF:** Penso que a “ecologia,” na sua essência, é importante. Não para resolver ou colocar soluções ecológicas mas para descobrir uma nova ideologia arquitectónica que ultrapasse a “ecologia”, um termo carregado de prévias conotações e problemas. A consideração ecológica é uma das oportunidades na procura de novas formas, espaços e experiências arquitectónicas. O novo desafio é como o ambiente e o artifício podem coexistir, o estado “intersticial” da natureza e da arquitectura. ■



Biblioteca/Museu de Arte da Universidade de Musashi, Tóquio, Japão, 2007 - 2009

Foto: Cortesia Sou Fujimoto Architects





Casa "House before House", Tóquio, Japão, 2008 -